

A BUSCA PELA IDENTIDADE EM UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA

SILVA, Rebeca Bulcão da¹; SPAREMBERGER, Alfeu²

¹Universidade Federal de Pelotas – rebulcao@bol.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – alfeu.sparemberger@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O trabalho tem como tema a análise do processo da formação identitária da principal personagem da obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003) de Mia Couto. A obra faz parte da área de estudos em literatura africana de língua portuguesa e tem como contexto o cenário pós-colonial moçambicano.

Verifica-se nos países que passaram pela colonização profundas alterações que afetaram diretamente a constituição identitária de seu povo. No caso do continente africano tais alterações ainda são mais complexas, pois além de ser formado por inúmeras comunidades, diferentes culturas e variadas línguas, os povos tiveram que lidar com a influência européia como a imposição da língua do colonizador, processos de assimilação, resistência e exploração, tornando-se mais difícil a pretensão de uma cultura hegemônica ou de uma identidade pura.

Com a descolonização, novos conflitos surgem e a situação de tensão e oposição formada é, em parte, consequência e reflexo das influências coloniais, em que valores tradicionais são contrastados com a modernidade, visto que a conciliação entre esses diversos fatores torna-se um processo complexo, propiciando ainda maiores problemas na construção da identidade.

Diante desse contexto, o objetivo do trabalho consiste em compreender como se configura a constituição identitária do protagonista da obra que, ao regressar à terra natal, depara-se com diversas situações desconhecidas e mistérios que envolvem sua família e a ilha Luar-do-Chão.

Para compreender o desenvolvimento desse processo, recorre-se, em especial, a teóricos como HALL (2005), para quem a modernidade tardia tem causado uma modificação estrutural dentro da sociedade e o indivíduo está se desestabilizando como sujeito integrado ou unificado pela “crise de identidade”, o que ocasiona o “descentramento” ou “deslocamento” das chamadas identidades modernas. Esse deslocamento é, em grande parte, decorrente do processo de globalização, que acelerou também as migrações e as diásporas e permitiu que novas identidades surgissem.

BHABHA (1998) contribui com a noção de hibridismo, destacando o “entre-lugar”, que pode ser compreendido como o espaço situado entre as fronteiras, em que ocorrem as trocas e as negociações culturais. Com BAUMAN (2005) são reforçados conceitos como identidade e pertencimento. É interessante destacar também FONSECA e CURY (2008), que abordam os constantes deslocamentos espaciais que envolvem as personagens nas obras de Mia Couto e como esses deslocamentos refletem na formação da identidade.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia do trabalho é de natureza qualitativa e de pesquisa exploratória pelo levantamento bibliográfico de autores que analisam o assunto. O

material inclui pesquisas em livros e artigos que abordam a questão da identidade. Aliado a isso, outro trabalho dedicado à área de literatura africana pós-colonial será evidenciado no sentido de compreender a relação entre aspectos culturais e sociedade. Além disso, serão destacados alguns teóricos que discorrem sobre o mesmo tema e estudam as narrativas do mesmo autor, o que aprofundará o estudo, contribuindo com maiores subsídios para a análise da personagem na obra selecionada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

É interessante destacar CARVALHAL (2005) que, ao versar sobre o alcance da literatura, evidencia o tema que este estudo, em especial, busca tratar: o trânsito entre as fronteiras, com enfoque sobre as identidades em trânsito. A autora afirma: “Vivemos em trânsito, entre fronteiras de línguas, códigos, culturas, procurando ver a literatura sem que ela seja limitada por essas fronteiras, de nações ou de línguas, nem pela divisão entre as artes e outras formas do conhecimento [...]” Ela ainda ressalta que “[...] *encontros* e *contatos* são também, como sabemos, definidores da atuação do estudioso que, de forma regular e sistemática, relaciona dados, articula elementos, explora intervalos, além de ultrapassar limites e margens.” Convém demonstrar que “encontros e contatos” são também fatores determinantes para a construção da identidade.

A obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* apresenta características que permeiam a questão da identidade africana, como o resgate das tradições e o hibridismo cultural. Ao regressar à terra natal, movido pela morte do avô, Marianinho, figura central do romance, vai se deparar com diversas situações, como as mudanças ocorridas no território durante o período em que esteve distante, a condição de ser estrangeiro em sua própria terra e a articulação dessas transformações a partir de seu contato com o “novo”. Por intermédio de cartas enigmáticas que lhe ditarão conselhos e revelarão importantes acontecimentos da ilha, o protagonista irá refletir sobre a sua origem e a relação estabelecida entre a cultura africana e a européia. Além disso, será designada a tarefa de reestruturar sua família e sua terra, pois ao se constituir como um indivíduo híbrido ele é capaz de estabelecer o diálogo entre as culturas, preservando as tradições e os valores autóctones, sem desconsiderar a influência da modernidade.

A partir da análise da obra é possível compreender o que relata HALL (2005), ou seja, que as identidades são dinâmicas e mutáveis e estão sempre em processo de construção. O sujeito apresenta-se como fragmentado, em busca dessa identidade, que se constitui híbrida pela interferência de inúmeras culturas. Marianinho é a representação desse indivíduo híbrido, situando-se no, denominado por BHABHA (1998), “entre-lugar”, que é concebido como um lugar distinto, um terceiro espaço híbrido que permite novos arranjos e recombinações. É a partir da hibridação cultural que algo novo e diferente surge, resultado das articulações e negociações entre sujeitos distintos, bem como trocas culturais e identitárias que favorecem a formação de um processo de diferenciação e o reconhecimento da alteridade.

HALL (2005) evidencia também que pessoas que foram afastadas de sua terra de origem ainda possuem vínculos fortes com suas tradições e seus valores. Elas são forçadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem que seja preciso serem assimiladas por elas ou perderem completamente a sua identidade, constituindo-se como o resultado do cruzamento de várias histórias e culturas. Na

narrativa, percebe-se que tanto o avô como o neto Mariano são personagens que tentam estabelecer o diálogo entre as diferentes partes, mesmo que, em alguns momentos, seja tenso e conflituoso.

BAUMAN (2005) retoma alguns conceitos afirmando que tanto o “pertencimento” e a “identidade” são mutáveis “[...]. O ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis” e depende de escolhas do próprio indivíduo ao interagir com o meio em que está inserido, conforme prossegue o autor, “as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’”.

De acordo com FONSECA e CURY (2008) a nação não se afirma senão como um conjunto de diferenças, como a convivência contraditória de negociações identitárias. É recorrente na proposta literária de Mia Couto a discussão sobre viagem, errância e deslocamento, na tentativa de ressaltar a necessidade de fixação e até certo ponto de estabilidade. Entretanto, isso se revela como uma situação provavelmente impossível, devido às circunstâncias causadas por condições políticas e econômicas da África que colaboram para a instituição nas obras ficcionais de personagens itinerantes.

Para evidenciar esses aspectos, o autor cria personagens “retornados”. Mesmo que, a princípio, a nova identidade seja considerada uma ameaça, todos sofrem uma forma de re-conhecimento e tentam a re-afirmação de uma nação, para demonstrar que é possível a convivência pacífica, respeitando a tradição, os valores e as crenças, na tentativa de adaptação entre as diferentes culturas e a diminuição de barreiras e conflitos existentes. Acima de tudo, é uma “estratégia política por meio da literatura de afirmação de uma África que se quer múltipla, embora respeitadas suas individualidades nacionais, tanto para africanos como para o mundo globalizado” (FONSECA e CURY, 2008).

Na obra em questão tem-se Marininho que, ao retornar a sua casa em Luar-do-Chão, para o enterro do avô, depara-se com mudanças em sua terra. Ele não reconhece a ilha na qual vivera e os habitantes o vêem como estrangeiro: “Desconhecem-me. Mais do que isso: irreconhecem-me. Pois eu, na circunstância, sou um aparente parente. Só o luto nos faz da mesma família” (COUTO, 2003). E, também, ao chegar à ilha, depara-se com a morte de Luar-do-chão, a imagem degradante de abandono, a miséria das ruas e das casas e a morte em vida de todo um povo desiludido e sem esperança.

As autoras citadas exprimem exatamente a situação do protagonista que percebe a diferença e a estrangeiridade tanto dentro de si mesmo quanto no mundo que o rodeia e que desestabiliza as estruturas e conceitos até então pré-estabelecidos: “[...] perceber o outro que nos habita a todos, perceber a “estrangeiridade” de nossa própria casa, no interior de nossa própria cultura, acaba por configurar-se como um colocar em xeque nossos conceitos de identidade e a própria realidade que nos circunda” (FONSECA e CURY, 2008).

Na obra, as cartas são os instrumentos que fazem a personagem resgatar a ancestralidade e reafirmar as tradições. Ao compreender os designios explícitos nelas, ele pode configurar uma relação entre os antepassados, juntamente com sua experiência. Ele é detentor de conhecimento e alguém que pode respeitar as tradições. Desse modo, é escolhido para conduzir o enterro do avô e interceder junto aos nativos na tentativa de harmonização social com a responsabilidade de articular e reorganizar o local no qual está inserido. Tal escolha pode ser compreendida pelo fato de o neto estar distante e não contaminado pelo passado

de lutas coloniais, ideais revolucionários e mentalidades pós-coloniais. Como filho da terra e, em paralelo, como um indivíduo híbrido, ele é capaz de fazer a união entre as culturas, preservando os valores e as tradições dos antepassados sem desconsiderar a modernidade. Ele está em condições de compreender a história, resgatar o legado ancestral, pois opera a mediação de sua vivência e os conhecimentos de outras histórias e culturas.

A construção da identidade na obra se dá, reforçando a ideia de deslocamento, pelo retorno do protagonista a sua terra natal, movido pelos mistérios que circundam a morte do avô. Ele não somente lida com recordações, conflitos e descobertas, mas também busca conhecer a si próprio. É por meio das reflexões, orientações e revelações apresentadas nas cartas que a narrativa se desenvolve. O personagem é encarregado de reestruturar sua família como também a ilha, articulando as diferenças existentes, de forma que esse local possa abarcar e conviver com a diversidade étnica e cultural. O protagonista é a representação de que, além de ser necessário, há possibilidades de mudanças nesse cenário moçambicano, ficcionalizado na obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*.

4. CONCLUSÕES

A identidade não se caracteriza como algo pronto e acabado, mas em um processo de construção, ela é algo dinâmico e fluido. A análise da obra faz avançar a proposta pós-colonial cotidiana, muitas vezes, movida por personagens itinerantes, demonstrando que os constantes deslocamentos e a mobilidade entre as fronteiras têm possibilitado as trocas e a interação entre as diversas culturas e, conseqüentemente, leva à compreensão de que as identidades estão cada vez mais plurais e hibridizados. O contato entre as diferentes culturas possibilita que as identidades negociem sem que se percam marcas características de suas raízes, assim como traços e particularidades de sua história.

Desse modo, é possível compreender que a busca pela identidade é algo complexo, pois as identidades não são unificadas e nem singulares, constituem-se em um processo contínuo de múltiplas construções que podem se cruzar ou serem antagônicas e estão, constantemente, sujeitas a mudanças e transformações.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BHABHA, H. K. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CARVALHAL, T. F. **Encontros na travessia**. Revista Brasileira de Literatura Comparada, Porto Alegre, 2005. Acessado em 23 de maio de 2012. Online. Disponível em: http://www.abralic.org.br/download/revista/Revista_Brasileira_de_Literatura_Comparada_-_07.pdf
- COUTO, M. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- FONSECA, M. N. S; CURY, M. Z. F. **Mia Couto**: espaços ficcionais. São Paulo: Autêntica, 2008.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.